



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO BRINCAR

Iris Dayane Guedes Lira (1); Elarisse Estevam da Silva (2); Jacqueline da Silva Cavalcante (3)

Universidade Federal da Paraíba, irisdayane04@gmail.com (1); Universidade Federal da Paraíba, elarisse_larah@hotmail.com (2); Universidade Federal da Paraíba, quelineufpb@hotmail.com (3)

Resumo: Projeto de intervenções apresentado ao componente curricular de Estágio Supervisionado I em Educação Não Escolar realizado no Laboratório de Ensino da Universidade Federal da Paraíba Campus III - Bananeiras “O Grãozinho”, no período de 11 de abril a 17 de julho de 2017. Com o objetivo de possibilitar a desconstrução de estereótipos de gênero a partir das relações que as crianças estabelecem com os brinquedos, esse projeto de intervenção tem como finalidade detalhar as ações a serem desenvolvidas no período da intervenção do estágio, descrevendo-as e embasando-as nas perspectivas teórico-metodológicas que discutem sobre gênero e as culturas infantis, abordando a temática a partir dos estudos e das relações estabelecidas durante as observações. Com essas intervenções, buscaremos contribuir na constituição de um espaço brincante ainda mais livre, emancipatório e que respeita a constituição das culturas infantis e a construção social das crianças.

Palavras chave: Gênero, brincadeira, cultura, crianças.

Introdução

O laboratório de ensino “O grãozinho” está situado na Universidade Federal da Paraíba Campus III, Bananeiras-PB. O laboratório tem duas linhas de trabalho, a primeira, a brinquedoteca, é um espaço que atende crianças e escolas da região, funcionando também como campo de pesquisa para os educadores brinquedistas que coordenam as atividades do local. A segunda linha de trabalho é como laboratório de ensino, oferecendo formação continuada e cursos para professores da região e alunos do curso de pedagogia, bem como espaço de empréstimo de material para os alunos do curso, ambiente para aulas (em especial as

direcionadas para artes, infância, ludicidade, ensino e educação infantil) e realização de alguns eventos na área de educação.

O ambiente contém três regras básicas para bom relacionamento social, são elas: Não existe brinquedo de meninas ou meninos, os brinquedos são para todos. Devemos zelar pelos brinquedos para que outros possam também usufruí-los e última regra é ser feliz, essas três regras norteiam as brincadeiras os deixando livre para realizar suas escolhas entre os inúmeros brinquedos estruturado e não-estruturados do local.

Mediante a organização do trabalho no espaço, percebemos que está diretamente relacionado com as concepções e as categorias que estão presentes na instituição,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Definição da Criança

como brinquedo, brincadeira, ludicidade, infância e artes.

Assim, o espaço tem um direcionamento ligado a concepções específicas e que para compreendermos certos elementos ali presentes tivemos que passar por um sucinto processo formativo direcionado pela coordenação dos espaços, realizaremos debates relacionamos com a compreensão de certos aspectos do espaço. Por exemplo, a importância dos brinquedos não estruturados presentes ali, como pneus e tecidos que a princípio podem não parecer brinquedos, mas se constituem como brinquedos no momento em que as crianças os utilizam como tal, e como essa reflexão poderia contribuir para a realização de nossas atividades.

Considerando a criança como sujeito social e criador de cultura, entendemos que a brincadeira se constitui como uma ação de expressão e construção cultural por parte da criança, conforme conceitualiza Borba (2006, p.46) “O brincar é, portanto, experiência de cultura, através da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças.” Assim sendo, os brinquedos e os espaços brincantes para as crianças tomam uma dimensão social muito ampla e complexa e que deve levar em consideração os aspectos de nossa sociedade, possibilitando reflexões e destituindo

preconceitos que possam influir negativamente nas construções sociais das crianças.

Com base nisso, notamos que a possibilidade de trabalhar as relações de gênero no ato do brincar seria interessante tanto para nós quanto para a instituição em estudo, uma vez que percebemos alguns brinquedos menos utilizados ou mesmo excluídos por algumas crianças por serem de certas cores ou até mesmo de formatos e especificidades tidas como de menina ou menino, desta forma escolhemos criar e reformar alguns brinquedos da instituição, visando a desconstrução das normas e padrões estabelecidas pela construção sociocultural. Os trabalhos já realizados sobre as relações de gênero e crianças confirmam que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, os padrões estabelecidos. (GUARESCHI 2005).

No grãozinho vimos a possibilidade de analisar a desconstrução desses padrões e através de estudos em gênero no ato do brincar entender como a criança diferencia o que é “certo ou errado” na hora da brincadeira, assim, uma das regras do ambiente foi o principal mecanismo para a escolha da intervenção, aquela que enfatiza que não existe brinquedos de meninas ou



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Políticas da Criança

meninos no local. Notamos que apesar dessa regra, alguns dos brinquedos exibiam estereótipos de gênero muito claros, como por exemplo, a maioria dos “móveis da cozinha” eram cor-de-rosa, enquanto os carrinhos geralmente eram da cor azul ou verde, e isso, apesar de muitas vezes não impedir a brincadeira de ambos os sexos, dificulta e muitas vezes era mal vista pelos colegas do espaço.

Fazendo essas análises sobre nossa experiência, percebemos a importância de nos voltar para dois aspectos importantes que caracterizam o nosso trabalho. O primeiro, relacionado a gênero, conceitos e estudos que fundamentassem nosso trabalho e nos direcionasse a uma perspectiva teórico-metodológica que se encaixasse no conceito de brinquedo e de brincadeira já defendido pela instituição, e o segundo relacionado às culturas da infância, diretamente ligados a nossa pesquisa e as referências do próprio espaço, o que consequentemente nos ajudaria a desenvolver nossa intervenção.

A palavra gênero tem sentidos ambíguos em diferentes concepções, a princípio o significado da palavra se deu para diferenciar o sexo masculino (homens) do sexo feminino (mulher), no dicionário tradicional a palavra gênero está atribuído a um grupo de classificação de seres vivos que reúnem espécies vizinhas, aparentadas e afins, por

apresentarem entre si semelhança constantes ou maneira de ser ou fazer, ou gênero de vida, modo de viver de proceder.

O conceito de gênero sofreu diversas modificações ao longo dos tempos, hoje gênero está atribuído a dinâmica das relações sociais. “Os seres humanos só conseguem se construir como tal em relação com os outros.” (SAFFIOTI 1992). Nesse sentido, gênero é uma construção que se dá por toda vida em práticas sociais, tais como família, escolas, em uma conversa com amigos, em brincadeiras, pela mídia, entre outros.

Assim, as desigualdades entre meninos e meninas estão em vigor desde os primórdios da sociedade, as meninas vistas como futuras responsáveis por cuidar da casa dos filhos, os meninos vistos como um futuro chefe de família responsável pelo sustento do lar. Esse trato desigual entre os sexos continua marcante na sociedade, no ato de brincar essa diferenciação se afirma, meninas são sempre presenteadas com objetos que remetem o universo doméstico e utensílios para se manter bela para seus futuros cônjuges, aprendem desde de cedo a se manter dentro dos padrões considerados adequados para seu sexo, os presentes destinados aos meninos remetem sempre astúcia, aventura, força, objetos que possam desenvolver suas habilidades, o uso de brinquedos para a perpetuação dos estereótipos de gênero



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Criança

mesmo de forma simbólica é motivo de questionamentos para muitos teóricos.

Na convivência familiar a criança aprende que a divisão de tarefas domésticas não mudará o fator sexo (homem e mulher), e entenderão que ambos devem ter direitos e deveres iguais. Segundo Maximo (2000 p. 34), “aprender a ser homem ou mulher dependerá da produção de sentimentos que perpassam cada contexto vivido pela criança” E assim em suas palavras Louro (1998) afirma que desde o seu nascimento meninos e meninas estão sujeitos a seguir um determinado comportamento, pois toda a cultura tem uma definição de conduta e sentimentos apropriados para homens e mulheres.

No laboratório de ensino o Grãozinho podemos perceber em sua concepção pedagógica que há uma preocupação em disponibilizar diferentes tipos de brincadeiras para as crianças tais como: lutar, dançar, jogar bola, rodar bambolê, se maquiarem, se vestir no faz de conta, cozinhar entre outros, e que essas experiências são oferecidas sempre com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamentos estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino, como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos se maquiem. Porém ainda existem crianças que por algum motivo ainda se sentem

desconfortáveis de brincar com objetos tidos, preconceituosamente, de meninas ou meninos.

Estudar gênero no brincar é de bastante relevância pois é no brincar que a criança desenvolve suas potencialidades, como também trabalha com suas limitações, com as habilidades sociais, afetivas, cognitivas e físicas. (GUARESCHI 2005). Por isso, compreendemos que os estudos nessa área e a constituição de espaços brincantes e brinquedos e que levem em consideração esses estudos são de extrema importância para a composição de uma brinquedoteca como o grãozinho, uma vez que sua proposta leva em consideração os aspectos da sociologia da infância e as culturas infantis.

Sobre isso, compreendemos que a organização de espaços brincantes que discutam relações de gênero é uma forma de possibilitar autonomia e participação social das crianças, conforme podemos compreender o conceito de participação social na infância a partir da discussão sobre culturas infantis de BORBA (2005):

As crianças se encontram em um mundo adulto estruturado por relações materiais, sociais, emocionais e cognitivas que organizam suas vidas cotidianas e suas relações com o mundo. É nesse contexto que elas vão constituindo suas identidades como crianças e como membros de um grupo social,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

porém, não devem ser vistas como sujeitos passivos que apenas incorporam a cultura adulta que lhes é imposta, mas como sujeitos que, interagindo com esse mundo, criam formas próprias de compreensão e de ação. (p. 53)

Assim sendo, enxergando as crianças como sujeitos de direito e de cultura própria, podemos perceber que apesar de estarem inseridas numa cultura e sociedade adulta, a criança compreende essas categorias de forma diferente do adulto, conseguindo reinventá-las a partir de seu repertório e imaginação. A necessidade do estudo de gênero, nesse sentido, se baseia na possibilidade de desconstruir preconceitos e estereótipos advindos da cultura adulta, considerando que os brinquedos e os espaços brincantes são componentes fundamentais na construção social, cultural e identitária da criança. Com isso, pretendemos que meninas e meninos possam desenvolver suas brincadeiras e ações lúdicas num espaço o mais livre possível dos preconceitos e imposições do mundo adulto, respeitando as experiências e relações que eles próprios estabelecem entre si.

A escolha justifica-se pela facilidade de trabalhar as relações de gênero no Laboratório de Ensino o Grãozinho pois em sua concepção já se apoderam de discursos que viabilizam a equidade entre os gêneros, tudo que está no lugar deve ser usado por ambos

sem que eles se sintam constrangidos, nos instigando a verificar mediante as nossas observações e intervenções como que acontece as relações de gênero no brincar.

O objetivo central se baseou em observar como as crianças estabelecem nas relações de gênero e através desta análise desenvolver um espaço em que elas possam brincar livremente. Nesse sentido, optamos trabalhar gênero na construção e reformulação de brinquedos e utilizando materiais relativamente baratos, isso nos permite dizer que seja em qualquer espaço ou situação, as reflexões acerca de gênero no trabalho com as crianças são possíveis e só dependem da disposição do pedagogo.

Metodologia

O trabalho foi realizado no laboratório de ensino “O grãozinho” está situado na Universidade Federal da Paraíba Campus III, Bananeiras-PB. A cidade está localizada na serra da Borborema, região do Brejo paraibano, com uma população estimada em 21.851 habitantes. (IBGE 2010). Foram realizados 14 encontros entre observações, intervenções e avaliação final. Uma vez por semana durante entre os meses de abril e julho de 2017.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

No dia 11, 18 de abril e 02 de maio foi realizado as observações dos espaços, planejamentos e estudos.

No dia 09, 16 de maio foram realizadas o planejamento dos brinquedos e modificações de espaços para que os objetivos do trabalho fossem cumpridos.

No dia 23 de maio foi realizado o primeiro contato com crianças no espaço, observando bem de perto a interação delas com o espaço.

No dia 30 de maio foi refeito o planejamento, mediante as observações.

Nos dias 06, 13, 20 e 27 de junho foram separadas para confecção e reforma dos brinquedos do laboratório “O Grãozinho”.

Com os brinquedos selecionados, confeccionados e reformados, partiu para a organização dos espaços para que as crianças interagissem com todos eles, essa atividade foi realizado no dia 04 de julho.

No dia 11 de julho teve a visita das criança da escola municipal de Casserengue-PB, onde eles foram recebidos por toda a equipe e colaboradores presentes, foi observado todas a interações perceptíveis e analisar as não perceptíveis.

No dia 17 de julho de 2017 foi realizado o ultimo encontro no laboratório “o grãozinho” onde se realizou se as avaliações finais.

Resultados e Discussão

Podemos pontuar cada atividade como os resultados do trabalho.

09 de maio de 2017- Intervenção pedagógica e planejamento (Conhecendo o espaço, discussões de textos que fundamentam a concepção do grãozinho.)

Nessa intervenção a coordenadora do espaço, nos explicou em forma de slides como estava caracterizado a concepção e os fundamentos do local, quem era seus integrantes e qual era o objetivo de um estágio não-formal dentro do Laboratório de Ensino “O Grãozinho”, entre outras vertentes.

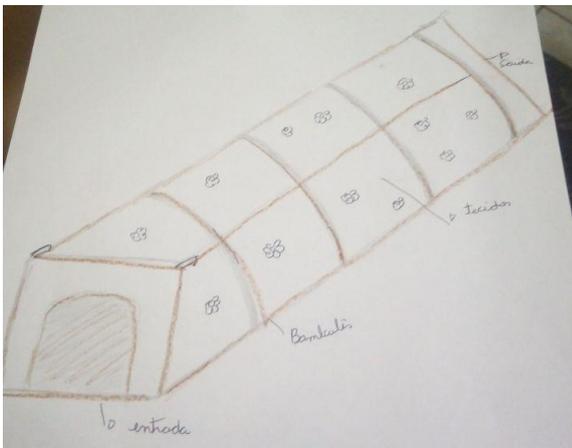
16 de maio de 2017- Intervenção e planejamento (Compreendemos o espaço e planejamos os quais brinquedos iríamos modificar e quais matérias serão utilizados na fabricação dos brinquedos.)

Nessa intervenção, planejamos quais brinquedos iríamos modificar e como seria o brinquedo que iríamos confeccionar, chegamos à conclusão de criar a princípio um brinquedo que utilizasse materiais reutilizáveis e objetos que tinham no espaço, optamos por criar um túnel utilizando, bambolês, pano e caixas. Nessa intervenção elaboramos esboços de desenhos para esse túnel que chamamos de “minhocão”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero



23 de maio de 2017- Intervenção pedagógica com as crianças (Primeiro contato com as crianças, observamos como as crianças interagem com os brinquedos, bem como as relações de gênero que ocorrem nessa interação).

Nessa intervenção, podemos interagir com crianças da escola Carmelo com faixa etária entre 4 a 6 anos, escola modelo situada na cidade de Bananeiras. A interação das crianças com os brinquedos e com seus professores, as relações dos bolsistas como brinquedistas e as relações entre os estagiários do espaço, foi totalmente descontraído, vivenciamos experiências que havíamos esquecidos devido a visão adultocêntrica, e ainda nos permitiu analisar as relações de gênero que ocorrem dentro do espaço. As crianças circulavam livremente e se fantasiavam no faz de conta sem a preocupação de se manter dentro dos padrões

normativos, meninas se transformam em marechais, palhaços, princesas, bruxas. Meninos se fantasiavam de princesas, quadrilheiros, entre muitas opções oferecidas pelo espaço.

30 de maio de 2017- Intervenção e replanejamento. (Analisamos se o que planejamos para intervir realmente será viável mediante as observações com as crianças).

Na referida intervenção fizemos uma retrospectiva de tudo que presenciamos na interação com as crianças, observamos que a construção do brinquedo utilizando bambolês, pano e caixa não seria viável para o espaço, a preocupação na durabilidade e segurança das crianças sempre estavam evidentes nas nossas discussões. Dessa forma, replanejamos o brinquedo e com a ajuda da coordenadora do espaço, resolvemos elaborar o brinquedo utilizando apenas caixas. Decidimos que esse brinquedo seria uma espécie de lego que daria acesso a uma casa. Assim, foi listado os materiais necessários para a confecção do brinquedo, caixa, cola branca, fita adesiva, tesouras, estiletes, revistas diversas. Esta lista foi entregue a coordenadora do laboratório que nunca mediu esforços para ajudar.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas



06 de junho de 2017- Intervenção e planejamento. (Confeccionamos e reformamos os brinquedos).

Essa intervenção baseou-se na confecção do brinquedo, começamos por cortar as caixas na frente e no fundo para que se formasse um túnel, quando mexemos na estrutura da caixa. A estabilidade dela de se manter deitada da forma que desejamos se fragilizou, desta forma a coordenadora do local chamou um técnico que trabalha com papelão para dar instruções de como torná-la mais resistente e ficar na posição que queríamos, assim, seguindo as orientações começamos a revestir as caixas com o próprio papelão. Seguimos os seguintes passos:

- Cortamos o papelão em tiras com espessura de uma palmo e meio
- Utilizando pincéis passamos a cola nessas caixas e colamos na caixa que se transformaria no brinquedo.
- Quando o papelão colado secava, revestiam-se suas bordas com fita adesiva.

13 de junho- Intervenção pedagógica. (Confeccionamos e reformamos os brinquedos).

A respectiva intervenção baseou-se na continuação do trabalho supracitado, porém vimos que mesmo com os revestimentos a caixa ainda se mantinha sem estabilidade, desta forma a coordenadora consultou novamente o técnico que propôs uma espécie de base de madeira para que a caixa não cedesse e ficasse da forma que queríamos. Um marceneiro veio a chamado da coordenadora e fez as referidas bases para podermos seguir com nossos trabalhos.

20 de junho- Intervenção pedagógica. (Confeccionamos e reformamos os brinquedos).

Na descrita intervenção podemos ver que o trabalho do marceneiro foi de importância relevância para a construção do brinquedo idealizado, seguimos com nosso



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

trabalho. A professora propôs dois métodos para revestimos a caixa de uma forma sustentável e durável.

- No primeiro método utilizamos papéis picados de revistas diversas, esse método já era utilizado pelos brinquedistas do local na fabricação de brinquedos, começamos assim, a revestir as caixas com papel de revista cortados e colados, visando deixar a caixa com mais resistência, devido os detalhes e o tempo para que a cola secasse o trabalho nos custou muito tempo.



- No segundo método utilizamos papel higiênico picados, cola e cimento. Fazíamos como se fosse uma massa para “rebocamos” a caixa, a massa era feita da seguinte forma: Picava-se todo o papel higiênico em uma bacia grande, acrescentava-se à água, à cola e o cimento em quantidades pré-estabelecidas, mexendo com as mãos até formar uma

massa homogênea. Seguimos com os trabalhos de revestimentos.

27 de junho- Intervenção pedagógica. (Confeccionamos e reformamos os brinquedos).

A respectiva intervenção baseou-se na continuação do trabalho supracitado.

4 de julho- Intervenção pedagógica. (Organização dos espaços que ficarão os brinquedos confeccionados e reformados).

Na mencionada intervenção planejamos o local que ficaria o brinquedo que criamos, como também finalizamos alguns detalhes que faltava. Observamos que a casa que havíamos revestido com a massa homogênea citada anteriormente, não havia secado totalmente devido ao clima da região. Desta forma, nos detemos a finalizar o túnel para utilizar na intervenção pedagógica com as crianças, visando analisar a interação delas com o brinquedo fabricado.





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

11 de julho- Intervenção pedagógica. (Visita das crianças, observamos a interação das crianças com os brinquedos fabricados).

Nessa intervenção a coordenadora nos propôs que orientassem todas as atividades do local. O local sempre segue uma ordem pré-estabelecida de acordo com o público que irá receber, segue a ordem:

- Recepção das crianças e professores.
- Roda da conversa
- Mostrar os espaços
- Momento para as crianças se expressarem livremente nos diferentes ambientes.
- Hora do Lanche
- Contação de história
- Despedida

Na recepção, os estagiários, bolsistas e a coordenadora se manteve na entrada do laboratório para cumprimentar as crianças e professores. Na entrada percebemos a divisão entre gêneros. Os professores pediram que se formam uma fila de cada gênero (meninas e meninos), para que eles entrassem de forma “organizada”. Essa divisão entre meninos e meninas que presenciamos no local se concretiza através de um olhar normatizado

de dicotomia (homem versus mulher) e a fatores biológicos, segundo Almeida (2015):

As diferenças de gênero entre crianças, a construção dos papéis diferenciados de meninos e meninas muitas vezes é justificada pela biologia. Mas é preciso desnaturalizar certas diferenças comportamentais, geradas pela socialização, pela coerção social. Gênero é uma categoria social e sexo é biológico. (ALMEIDA 2015 P 01).

Almeida afirma as relações de diferenciação entre os sexos que presenciamos dentro do laboratório, simbolicamente meninos e meninas aprendem a viver em mundos diferentes

A roda da conversa é feita no salão principal no qual conduzimos uma apresentação entre crianças e brinquedistas, nessa roda é passado também as três regras que regem a concepção do Grãozinho são



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

elas: Não existe brinquedo de meninas ou meninos, os brinquedos são para todos. Devemos zelar pelos brinquedos para que outros possam também usufruí-los e última regra é ser feliz, a roda é ponto de partida para a observação do espaço.



Na amostra dos espaços um dos estagiários chamam as crianças para mostrar todos os espaços do local, percebemos que as crianças antes de conhecer os espaços já começam a pegar os brinquedos e a se espalhar dentro de ambos os espaços.



Na Contação da história, nos foi dada a responsabilidade de trazer uma história que envolvessem as crianças em um mundo de ludicidade, logo após o lanche as crianças permaneceram no grande salão e contamos a

história de João e o pé de feijão modificada, uma versão contada pelo gigante da história. Segundo Dohme (2003), “O enredo das histórias incita o raciocínio e a reflexão, pois, à medida que a criança vai lendo ou ouvindo uma história, ela vai acompanhando-a mentalmente.” É importante também que essas histórias estimulem a participação das crianças, fazendo com que elas se sintam integrantes do processo, essa interação entre contador e ouvintes será de relevância importância para prender a criança em seu imaginário. De acordo com Moreno (1999) “Quando a criança, acompanha o enredo de uma história força uma análise, um posicionamento.”



17 de julho- Avaliação final do estágio

Nessa respectiva intervenção foi o momento de expressar todas as nossas dificuldades, o que aprendemos e nossas experiências. Começamos fazendo alguns movimentos para a melhor interação entre os estagiários e bolsistas, em seguida brincamos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e nos fantasiávamos como se estivéssemos voltando a nosso tempo de criança e redescobrimos um mundo que a tempos tínhamos esquecidos. Depois da brincadeira sentamos todos juntos para realizar uma leitura de um poema: O menino e o córrego, esse poema nos fez refletir sobre nossa prática de estágio e falando um pouco do que foi a experiência do estágio no local.

Acompanhamento e contribuições.

A coordenadora nos acompanhou na construção e reforma dos brinquedos, levando em consideração que nenhuma ação pode ser feita sem que se tenha fundamentos para tal. Em nossos dias de estágio ela nos acompanhou e nos direcionou quando necessário, refletindo conosco sobre o espaço e sobre os impactos que nossas ações contribuíram para a constituição da brinquedoteca.

Além disso, ao final de nossos expedientes nos reuniremos e conversamos sobre o andamento do projeto, momento em que ela assinava nossa frequência, observando horário e assiduidade de cada um. Nesse momento também planejávamos coletivamente as ações que iremos desenvolver no próximo encontro com base no nosso cronograma e no que foi possível fazer e o que pode não ter dado certo, reformulando algumas ações quando

necessárias ou repensando alguns pontos se assim for preciso.

Conclusões

O estágio supervisionado no Laboratório de Ensino O Grãozinho, contribuiu positivamente para a nossa formação profissional como futuros pedagogos, as concepções do local e a forma de acompanhamento dada pela coordenação nos possibilitou conhecimentos relevantes que acrescentaram a nossa vida como futuros docentes ou nas diferentes áreas possíveis de atuação. Com relação ao nosso objetivo, quebrar padrões normatizados nas relações de gênero no brincar, percebemos mediante as observações e as interações realizadas, que as crianças não são dotadas de estereótipos de gênero, visto que na maioria das brincadeiras, meninos e meninas usavam dos mais diversos materiais presentes no local, o importante para todos (as), era simplesmente o brincar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Lorena Sales de; Meninos e meninas: **Um estudo das relações de gênero entre crianças na escola Ana Nery** / Orientadora Prof. Dra. ¹Ângela Figueiredo. III Encontro Baiano de Estudos e Cultura Bahia-2015. Disponível em:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Meninos-e-meninas-um-estudo-das-relacoes-de-genero-entre-criancas-na-escola-Ana-Nery.pdf> Acesso em: 23 de Julho de 2017.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BORBA, Angela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura**. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. O cotidiano na educação infantil. Brasília: Boletim 23, novembro de 2006. p. 46-54.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil**. Universidade Federal Fluminense, 2005.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250150>. Acesso em: 28 de maio de 2017.

DOHME, V. Além do encantamento: **Como as histórias podem ser um instrumento de**

aprendizagem. Fundação EDUCAR DPaschoal, 2003

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. © 1987 by EDITORA ATLAS S.A. 1. ed. 1987; 2. ed. 1989; 3. ed. 1991; Disponível em:

<https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf> Acesso em: 28 de maio de 2107.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Escolas e Gênero: elas brincam de roda - eles jogam bola**. In.: CARDOSO, Reolina Silva(org.). É uma mulher... Petrópolis, 1994, p. 69-81. Disponível em: <file:///C:/Users/Fabiana/Documents/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero: questões para a Educação**. In: Bruschini, Cristina, Unberhaum, Sandra G. (orgs.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo, SP: FCC: Ed.34; Disponível em:<<http://docplayer.com.br/44507649-Genero-na-educacao-infantil-eugenia-lucia-dos-santos-nunes-1-clara-roberta-coutinho-silva-2.html>> Acesso em: 01 de junho.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social.** In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.